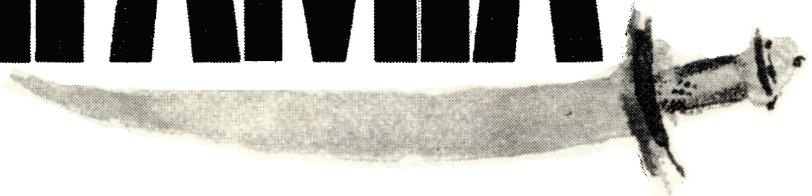


HISTÓRIA GERAL DA INFÂNCIA



JORGE LUIS BORGES TRAD. DE ALEXANDRE EULÁLIO

HISTÓRIA GERAL DA INFÂMIA



 Falucho: soldado negro que em 1824, quando do motim de Callao, preferiu ser fuzilado a apresentar armas ao pavilhão espanhol, içado pelos realistas rebeldes. [N.T.]



Vicente Rossi: escritor cuja obra mais interessante, *Cosa de Negros*, trata do nascimento, evolução e propagação do tango, que o autor declara ter nascido nos prostíbulos de Montevidéu (Borges afirma que nos de Buenos Aires). [N.T.]



Pedro Figari: artista especializado na pintura de cenas de gaúchos e negros. [N.T.]

O ESPANTOSO REDENTOR LAZARUS MORELL

A CAUSA REMOTA

Em 1517, o Padre Bartolomé de las Casas compadeceu-se dos índios que se extremavam nos laboriosos infernos das minas de ouro antilhanas, e propôs ao Imperador Carlos V a importação de negros, que se extenuassem nos laboriosos infernos das minas de ouro antilhanas. A essa curiosa variação de um filantropo devemos numerosos efeitos: os *blues* de Handy, o êxito alcançado em Paris pelo pintor-doutor uruguaio Don Pedro Figari, a boa prosa agreste do também oriental Don Vicente Rossi, a dimensão mitológica de Abraham Lincoln, os quinhentos mil mortos da Guerra da Secessão, os três mil e trezentos milhões gastos em pensões militares, a estátua do imaginário Falucho, a admissão do verbo *linchar* na décima-terceira edição do Dicionário da Academia Espanhola, o impetuoso filme "Aleluya", a fornida carga de baionetas levada por Soler à frente dos seus *pardos* e *morenos* em Cerrito, a graça da senhorita de tal, o *moreno* que assassinou Martín Fierro, a deplorável rumba "El Manisero", o napoleonismo embargado e encarcerado de Toussaint Louverture, a cruz e a serpente no Haiti, o sangue das cabras degoladas pelo machado dos *papaloi*, a *habanera* mãe do tango, o can-dombe.

Além disso: a culpável e magnífica existência do atroz redentor Lazarus Morell.

O LUGAR

O Pai das Águas, o Mississipi, o rio mais extenso do mundo, foi o digno teatro dêsse incomparável canalha. (Álvarez de Pineda o descobriu e seu primeiro explorador foi o Capitão Hernando de Soto, antigo conquistador do Peru, que distraiu os meses de prisão do inca Atualpa ensinando-lhe o jogo de xadrez. Morreu e lhe deram como sepultura as suas águas.)

O Mississipi é rio de peito largo; é um infinito e obscuro irmão do Paraná, do Uruguai, do Amazonas e do Orinoco. É um rio de águas mulatas; mais de quatrocentos milhões de toneladas de lama insultam anualmente o golfo do México, descarregadas por êle. Tanta escória venerável e antiga construiu um delta, onde os gigantes ciprestes dos pântanos crescem sobre os despojos de um continente em perpétua dissolução, e de onde os labirintos de barro, de peixes mortos, de juncos, dilatam as fronteiras e a paz do fétido império. Mais acima, na altura do Arkansas e do Ohio, também se alargam as terras baixas. Habita-as uma estirpe amarelenta de homens esqueléticos, propensos à febre, que olham com avidez as pedras e o ferro, porque entre eles não há outra coisa senão areia e madeira e água turva.

OS HOMENS

Em princípios do século dezenove (a época que nos interessa), as vastas plantações de algodão que havia nas margens eram trabalhadas por negros, de sol a sol. Dormiam em cabanas de madeira, sobre o chão de terra. Fora da relação mãe-filho, os parentescos eram convencionais e obscuros. Tinham nomes de batismo, mas podiam prescindir dos de família. Não sabiam ler. Sua enternecida voz de falsete cantava num inglês de vogais lentas. Trabalhavam em filas, curvados sob o rebenque do capataz. Fugiam, e homens de barba comprida saltavam sobre cavalos de raça, e fortes cães de caça os rastreavam.

A um sedimento de esperanças bestiais e médios africanos haviam agregado as palavras da Escritura: sua fé, por conseguinte era a de Cristo. Cantavam concentrados

e em grupo: *Go down Moses*. O Mississipi servia-lhes de magnífica imagem do sórdido Jordão.

Os proprietários dessa terra trabalhadora e dessas levas de negros eram ociosos e ávidos senhores de melena magnífica, que habitavam imensos casarões voltados para o rio — sempre com um pórtico pseudogrego de pinho branco. Um bom escravo custava-lhes mil dólares e não durava muito. Alguns cometiam a ingratidão de adoecer e morrer. Devia-se tirar destas incertas criaturas o maior rendimento. Por isto conservavam-nos nos campos desde o primeiro sol até o último; por isto exigiam das terras uma colheita anual de algodão, ou fumo, ou açúcar. A terra, fatigada e manuseada por essa cultura impaciente, ficava em poucos anos exausta: o deserto confuso e enlodaçado enfiava-se pelas plantações. Nas chácaras abandonadas, nos subúrbios, nos canaviais estreitos e nos abjetos lodações, viviam os *poor white*, a canalha branca. Eram pescadores, vagos caçadores, ladrões de cavalo. Costumavam mendigar pedaços de comida roubada aos negros e mantinham na sua prostração um orgulho: o do sangue sem um tisne, sem mescla. Lazarus Morell foi um deles.

O HOMEM

Os daguerreótipos de Morell, que as revistas americanas costumam publicar, não são autênticos. Essa carência de genuínas efígies de homem tão memorável e famoso não deve ser casual. É verossímil supor que Morell se tenha negado à placa brunda; essencialmente para não deixar inúteis rastros e, de passagem, para alimentar o seu mistério... Sabemos contudo que não foi favorecido quando, jovem e os olhos demasiado próximos e os lábios finos, não predispunham a seu favor. Os anos, porém, conferiram-lhe essa peculiar majestade que têm os canalhas encanecidos, os facinoras venturosos e impunes. Era um antigo *gentleman* do Sul, passasse a meninice miserável e a vida afrontosa. Não desconhecia as Escrituras e pregava com singular convicção. "Eu vi Lazarus Morell no púlpito — anota o dono de uma casa de jogo em Baton Rouge, Louisiana — e escutei suas palavras edificantes e vi lágrimas acudirem aos seus olhos. Sabia que era um adúltero, um ladrão de negros e um assassino em face do Senhor, mas também meus olhos choraram."

Outro bom testemunho dessas efusões sagradas é o que subministra o próprio Morell. "Abri ao acaso a Bíblia, dei com um conveniente versículo de São Paulo e preguei uma hora e vinte minutos. Tampouco desperdiçaram esse tempo Crenshaw e os companheiros, porque levaram com eles todos os cavalos do auditório. Nós os vendemos no Estado de Arkansas, a não ser um baio muito brioso que reservei para o meu uso particular. Agradava a Crenshaw, mas eu fiz ver a êle que não lhe servia."

O MÉTODO

Os cavalos roubados em um estado e vendidos em outro foram apenas uma digressão na carreira delinqüente de Morell, porém prefiguraram o método que agora lhe assegura o seu lugar privilegiado em uma História Geral da Infâmia. Este método é único, não só pelas circunstâncias *sui generis* que o determinaram, como também pela abjeção que requer, pelo seu fatal manejo da esperança e pelo desenvolvimento gradual, semelhante à atroz evolução de um pesadelo. Al Capone e Bugs Moran operam com ilustres capitais e com metralhadoras servis numa grande cidade, porém o seu negócio é vulgar. Disputam-se um monopólio, e isso é tudo... Quanto a cifras de homens Morell chegou a comandar uns mil, todos juramentados.

Candombe: dança dos negros do Prata. [N.T.]

Cerrito: batalha da Guerra da Independência ganha, pelos patriotas argentinos, às forças espanholas que ainda ocupavam Montevidéu. [N.T.]



Martín Fierro: herói do célebre poema de José Hernandez que leva seu nome. [N.T.]

Duzentos integravam o Alto Conselho, e este promulgava as ordens que os restantes oitocentos cumpriam. O risco recaía nos subalternos. Em caso de rebelião, eram entregues à justiça ou arrojados à correnteza do rio de águas pesadas, com uma pedra presa aos pés. Eram com frequência mulatos. Sua facinorosa missão era a seguinte:

Percorriam — com algum momentâneo luxo de anéis, para inspirar respeito — as vastas plantações do Sul. Escolhiam um negro infeliz e propunham-lhe a liberdade. Diziam-lhe que fugisse do seu senhor, para ser vendido por eles uma segunda vez, em alguma propriedade distante. Dar-lhe-iam então uma percentagem do preço da sua venda e lhe facultariam a próxima evasão. Deviam conduzi-lo, afinal, a um estado abolicionista. Dinheiro e liberdade, dólares de prata bem sonante e liberdade, que maior tentação podiam oferecer-lhes? O escravo atrevia-se à sua primeira fuga.

O caminho natural era o rio. Uma carga, o porão de um vapor, uma lancha, uma balsa grande como o céu, tendo na extremidade uma cabana ou tendas de lona muito altas: o lugar não importava, importava apenas saber-se em movimento e seguro sobre o infatigável rio... Vendiam-no em outra plantação. Fugia outra vez para os canais ou para os barrancos. Então os terríveis benfeitores (dos quais já começava a desconfiar) aduziam gastos obscuros e declaravam que tinham de vendê-lo uma última vez. Ao seu regresso dar-lhe-iam a percentagem das vendas e a liberdade. O homem deixava-se vender, trabalhava algum tempo e desafiava na última fuga o risco dos cães de presa e dos açoites. Regressava com sangue, com suor, com desespero e com sono.

A LIBERDADE FINAL

Falta considerar o aspecto jurídico destes fatos. O negro não era pôsto à venda pelos sicários de Morell antes que o dono primitivo houvesse denunciado a sua fuga e oferecido uma recompensa a quem o encontrasse. Quem quer que fosse podia então retê-lo, de modo que a sua venda posterior era um abuso de confiança, não um roubo. Recorrer à justiça civil era um gasto inútil, porque os danos não eram pagos nunca.

Tudo isso era muito tranquilizador, porém não eternamente. O negro podia falar: o negro, de puro agradecimento ou infelicidade, era capaz de falar. Uma rodada de uísque de centeio no prostíbulo de El Cairo, Illinois, onde o filho de uma cadela nascido escravo iria malgastar o dinheiro que eles não lhe tinham de dar, e transpirava o segredo. Nesses anos o Partido Abolicionista agitava o Norte, essa turba de loucos perigosos que negavam a propriedade e pregavam a libertação dos negros, incitando-os a fugir. Morell não se ia deixar confundir por tais anarquistas. Não era um *yankee*, era um homem branco do Sul, filho e neto de brancos, e esperava retirar-se dos negócios e ser um *gentleman*, com suas léguas de algodão e as curvadas filas de escravos. Com a sua experiência, não estava para riscos inúteis.

O transfuga esperava a liberdade. Então os mulatos nebulosos de Lazarus Morell transmitiam entre si uma ordem que podia não passar de uma senha e o livravam da vista, do ouvido, do tato, do dia, da infâmia, do tempo, dos benfeitores, da misericórdia, do ar, dos cachorros, do universo, da esperança, do suor e dele mesmo. Um balaço, uma punhalada baixa ou um golpe, e as tartarugas e os pargos do Mississippi recebiam a última informação.

A CATASTROFE

Servido por homens de confiança, o negócio tinha de

prosperar. Em princípios de 1834 uns setenta negros haviam sido "emancipados" por Morell, e outros dispunham-se a seguir estes precusores ditosos. A zona de operações sendo maior, era necessário admitir novos aliados. Entre os que prestaram juramento havia um rapaz, Virgil Stewart, de Arkansas, que se destacou desde logo pela crueldade. Era ele sobrinho de um fazendeiro que perdera muitos escravos. Em agosto de 1834, rompeu o seu juramento e delatou Morell e os outros. A casa de Morell em Nova Orleans foi cercada pela Justiça. Morell, por uma imprevisão ou um suborno, pôde escapar.

Três dias passaram. Morell esteve escondido esse tempo numa casa antiga, de pátios com trepadeiras e estátuas, na Rua Toulouse. Parece que se alimentava pouco e ficava a passear descalço pelas grandes peças escuras, fumando pensativos cigarros. Por um escravo da casa remeteu duas cartas à cidade de Natchez e outra a Red River. No quarto dia entravam na casa três homens que com ele ficaram discutindo até ao amanhecer. No quinto, Morell levantou-se quando escurecia e pediu uma navalha e fez cuidadosamente a barba. Vestiu-se e saiu. Atravessou com lenta serenidade os bairros do Norte. Já em pleno campo, costeando as terras baixas do Mississippi, caminhou mais ligeiro.

Seu plano era de uma coragem bêbeda. Pensava aproveitar os últimos homens que ainda lhe obedeciam: os serviços negros do Sul. Estes haviam visto fugir os seus companheiros e não os haviam visto voltar. Acreditavam, portanto, na sua liberdade. O plano de Morell era o de uma sublevação total dos negros, a tomada e o saque de Nova Orleans e a ocupação do seu território. Morell caído e quase desfeito pela traição, meditava uma resposta continental: uma resposta onde o criminoso se exaltava até à redenção e à história. Dirigiu-se com este fim a Natchez, onde estava mais enraizada a sua força. Copio a sua narração dessa viagem:

"Caminhei quatro dias antes de conseguir um cavalo. No quinto descansei próximo a um riacho para abastecer-me de água e sestar. Estava sentado num tronco, olhando o caminho percorrido até então, quando vi aproximar-se um cavaleiro numa montaria escura de bom aspecto. Assim que o vi determinei tomar-lhe o cavalo. Pus-me de pé, apontei na sua direção uma bela pistola de tambor e dei-lhe ordem para apejar. Assim o fez, e tomando na canhota as rédeas, mostrei-lhe o riacho e ordenei que caminhasse adiante. Andou umas duzentas varas e se deteve. Ordenei que continuasse. Então me disse: "Já que está resolvido a me matar, deixe-me rezar antes de morrer." Respondi que não tinha tempo de ouvir as suas orações. Caiu de joelhos e lhe disparei um balaço na nuca. Abri-lhe o ventre com um talho, arranquei-lhe as vísceras e afundei-o no riacho. Logo revistei-lhe os bolsos e encontrei quatrocentos dólares e trinta e sete centavos e uma quantidade de papéis que não me demorei lendo. As botas eram novas, flamantes, e me serviam. As minhas, que estavam muito gastas, joguei-as na torrente.

"Assim obtive o cavalo que precisava para entrar em Natchez."

A INTERRUPÇÃO

Morell capitaneando bandos de negros que sonhavam enforcá-lo, Morell enforcado por exércitos negros que sonhava capitanear — sinto confessar que a história do Mississippi não aproveitou estas santuosas oportunidades. Contrariamente a toda justiça poética (ou simetria poética) tampouco o rio dos seus crimes foi a sua tumba. Aos dois de janeiro de 1835, Lazarus Morell faleceu de uma congestão pulmonar no hospital de Natchez, onde se fizera inter

nar com o nome de Silas Buckley. Um companheiro da enfermaria geral reconheceu-o. O número dois e o número quatro quiseram sublevar os escravos de certas plantações, porém foram reprimidos sem maior efusão de sangue.

A VIÚVA CHING, PIRATA

A palavra *corsárias* corre o risco de despertar uma lembrança que é vagamente incômoda: a de uma já descolorida zarzuela, com as suas teorias de evidentes dançarinas, que faziam de piratas coreográficas em mares de notório papelão. Contudo houve corsárias: mulheres hábeis nas manobras marinheiras, no governo de tripulações bestiais e na perseguição e saque de naves de bordo alto. Uma delas foi Mary Read, que declarou uma vez não ser a profissão de pirata para qualquer, e para exercê-la com dignidade precisava-se ser um homem de coragem, como ela. Nos rústicos princípios da sua carreira, quando não era ainda capitã, um dos seus amantes foi injuriado pelo espadachim de bordo. Mary desafiou-o para um duelo, e se bateu com êle com as duas mãos, segundo o antigo uso das Caraíbas: a profunda e precária garrucha na mão esquerda, o sabre fiel na direita. A garrucha falhou, mas a espada se portou bem... Por volta de 1720, a arriscada carreira de Mary Read foi interrompida por uma força espanhola, em Santiago de la Vega (Jamaica).

Outra pirata desses mares foi Anne Bonney, irlandesa resplandescente, de seios altos e cabelo fogueiro, que mais de uma vez arriscou o seu corpo na abordagem de embarcações. Foi companheira de armas de Mary Read, e, finalmente, de força. Seu amante, o Capitão Jolin Rackam, teve também o seu nó corredeiro nessa função. Anne, despeitada, deu com esta áspera variante de recriminação de Aixa a Boabdil: "Se houvesse combatido como um homem, não te enforcariam como um cão."

Outra, mais venturosa e longeva, foi uma pirata que operou nas águas da Ásia, do mar Amarelo até aos rios da fronteira do Anam. Falo da aguerrida viúva Ching.

OS ANOS DE APRENDIZAGEM

Até 1797, os acionistas das muitas esquadras piráticas desse mar fundaram um consórcio e nomearam almirante a um tal Ching, homem justiceiro e experimentado. Este foi tão severo e exemplar na pilhagem às costas que os habitantes espavoridos imploraram com dádivas e lágrimas o socorro imperial. Sua lastimosa petição não foi desatendida: receberam ordens de pôr fogo às suas aldeias, de esquecer os quefazeres da pescaria, de emigrar terra adentro e aprender uma ciência desconhecida chamada agricultura. Assim o fizeram, e os frustrados invasores não encontraram senão um litoral deserto. Tiveram que se entregar, por conseguinte, ao assalto de navios: depredação ainda mais nociva do que a anterior, pois prejudicava seriamente o comércio. O Governo imperial não vacilou, e fez ordenar aos antigos pescadores o abandono do arado e da junta para que se restaurassem os remos e as rédes. Eles se amotinaram, fiéis ao antigo temor, e as autoridades resolveram outra conduta: nomear o Almirante Ching chefe dos Estábulos Imperiais. Pretendia este aceitar o subórno. Os acionistas souberam-no a tempo, e sua virtuosa indignação manifestou-se num prato de urtigas envenenadas, cozidas com arroz. A guloseima foi fatal: o antigo almirante e chefe novel dos Estábulos Imperiais entregou sua alma às divindades do mar. A viúva, transfigurada pela dupla traição, congregou os piratas, reve-



lou-lhes o enredado caso e instou-lhes recusar a clemência falaz do imperador e o ingrato serviço dos acionistas, de inclinação envenenadora. Propôs-lhes abordagem por conta própria e a votação de um nóvo almirante. Foi ela a eleita. Era uma mulher sarmentosa, de olhos entorpecidos e sorriso cariado. O cabelo, que enegrecia e azeitava, tinha mais brilho que os olhos.

Sob as suas tranqüilas ordens, os navios lançaram-se ao perigo e ao alto mar.

O COMANDO

Treze anos de metódica aventura se sucederam. Seis pequenas esquadras integravam a armada sob bandeiras de diversa cor: a vermelha, a amarela, a verde, a cor de amora e a da serpente, que era a da nave capitânia. Os chefes chamavam-se Pássaro-e-Pedra, Castigo-da-Água-Matutina, Jóia-da-Tripulação, Onda-com-Muitos-Peixes e Sol-Alto. O regulamento, redigido pela viúva Ching em pessoa, é de uma inapelável severidade, e o seu estilo justo e lacônico prescinde das desfalecidas flôres retóricas que emprestam majestade bem mais irrisória à maneira oficial chinesa, da qual ofereceremos depois alguns alarmantes exemplos. Copio alguns artigos:

"Todos os bens transportados de navios inimigos irão ter ao depósito e ali devem ser registrados. Uma quinta parte da presa de cada pirata ser-lhe-á entregue mais tarde; o restante continuará no depósito. A violação desta ordem é morte."

"A pena para o pirata que abandonar seu lugar sem especial consentimento será a perfuração pública das suas orelhas. A reincidência nesta falta é a morte."

"O comércio com as mulheres arrebatadas nas aldeias fica proibido sobre a coberta; deverá limitar-se a cantina e nunca sem a licença do oficial que se ocupa dos carregamentos. A violação desta ordem é morte."

Informes subministrados por prisioneiros asseguram que o rancho destes piratas consistia principalmente de bolachas, de obesos ratos cevados e arroz cozido; nos dias de combate, costumavam misturar pólvora com o álcool. Naipes e dados fraudulentos, o copo e o retângulo do fantão, o visionário cachimbo do ópio e a aguardente distraíam as horas. Duas espadas de emprêgo simultâneo eram as armas preferidas. Antes da abordagem, esfregavam os pômulos e o corpo com uma infusão de alho; seguro talismã contra as bôcas de fogo.

A tripulação viajava com as mulheres, e o capitão, com o seu harém, composto de cinco ou seis peças, que costumava renovar nas vitórias.

FALA KIA-KING, O JOVEM IMPERADOR

Em meados de 1809, promulgou-se um édito imperial do qual traslado a primeira parte e a última. Muitos criticaram o seu estilo:

"Homens desventurados e daninhos, homens que pisam o pão, homens que desatendem o clamor dos cobradores de impostos e dos órfãos, homens em cuja roupa interior estão desenhados a fênix e o dragão, homens que negam a verdade dos livros impressos, homens que deixam as lágrimas correrem fixando o Norte, molestem a ventura dos nossos rios e a antiga confiança dos nossos mares. Em barcos avariados e perecíveis afrontam noite e dia a tempestade. Seu objeto não é benévolo: não são nem foram nunca os verdadeiros amigos do navegante. Longe de prestar-lhes ajuda, acometem-no com ferocíssimo impulso e o convidam à ruína, à mutilação ou à morte. Violam

assim as leis naturais do Universo, de sorte que os rios transbordam, as ribeiras inundam-se, os filhos se voltam contra os pais e os princípios e umidade e estio são alterados...

"...Por conseguinte encomendo-te o castigo, Almivante Kvo-Lang. Não esquecer que a clemência é um atributo imperial e seria presunção em um súdito pretender assumi-la. Se cruel, se justo, se obedecido, se vitorioso."

A referência incidental às embarcações avariadas era, naturalmente, falsa. Seu fim era levantar a coragem da expedição de Kvo-Lang. Noventa dias depois, as forças da viúva Ching enfrentaram as do Império Central. Quase mil navios combateram de sol a sol. Um coro misto de campainhas, de tambores, de canhoneio, de imprecações, de gongos e de profecias acompanhou a ação. As forças do Império foram desteitas. Nem o proibido perdão nem a recomendada crueldade tiveram ocasião de exercer-se. Kvo-Lang observou um rito que os noxos generais derrotados optam por declinar: o suicídio.

AS RIBEIRAS ESPAVORIDAS

Então os seiscentos juncos de guerra, e os quarenta mil piratas vitoriosos da viúva soberba demandaram as bôcas do Si-Kiang, multiplicando incêndios e festas espantosas e órfãos, a bombordo e a estibordo. Houve aldeias inteiras arrasadas. Em só uma delas a citta de prisioneiros passou do milhar. Cento e vinte mulheres, que sollicitaram o confuso amparo dos juncos e artoais vizinhos, foram denunciadas pelo incontento choro de uma criança e logo vendidas, em Macau. Embora longinquas, as miseráveis lágrimas e lutos dessa depredação chegaram ao alcance de Kia-King, o Filho do Céu. Certos historiadores pretendem que lhe doeram menos que o desastre da sua expedição primitiva. O certo é que organizou uma segunda, terrível em estandartes, em marinheiros, em soldados, em petrechos de guerra, em provisões, em adivinhos e astrólogos. O comando recaiu desta vez em Ting-Kwei. Essa pesada multidão de navios remontou o delta do Si-Kiang e fechou o passo da esquadra pirática. A viúva aprestou-se para a batalha. Sabia-a difícil, muito difícil, quase desesperada: noites e meses de saque e ócio haviam relaxado os seus homens. A batalha não começava nunca. Sem pressa o sol se levantava e se punha sobre as canas trêmulas. Os homens e as armas velavam. Os meios-dias eram mais poderosos, as sextas infinitas.

O DRAGÃO E A RAPOSA

Contudo, altos bandos preguiçosos de leves dragões surgiam cada entardecer das naves da esquadra imperial e pousavam com delicadeza na água e nas cobertas inimigas. Eram aéreas construções de papel e taquara, ao jeito de cometas, e sua superfície prateada ou vermelha repetia idênticos caracteres. A viúva examinou com ansiedade êsses regulares meteoros e leu néles a lenta e a confusa fábula de um dragão que sempre havia protegido uma raposa, apesar das muitas ingratidões e constantes delitos dela. A lua adelgaçou-se no céu, e as figuras de papel e bambu traziam cada tarde a mesma história, com quase imperceptíveis variantes. A viúva afligia-se e pensava. Quando a lua estava plena no céu e na água avermelhada, a história pareceu chegar ao seu fim. Ninguém podia predizer se um ilimitado perdão ou se um ilimitado castigo abater-se-ia sobre a raposa, porém o inevitável fim se aproximava. A viúva compreendeu. Jogou suas duas espadas no rio, ajoelhou-se num bote e ordenou que a conduzissem até a nave do comando imperial.



Era ao entardecer; o céu estava cheio de dragões, desta vez amarelos. A viúva murmurava uma frase. "A rapôsa procura a sombra da asa do dragão", disse ao subir a bordo.

A APOTEOSE

Os cronistas referem que a rapôsa obteve seu perdão e dedicou a lenta velhice ao contrabando de ópio. Deixou de ser a viúva; assumiu um nome cuja tradução vernácula é Brilho-da-Verdadeira-Instrução.

"Desde aquele dia (escreve um historiador) os navios recuperaram a paz. Os quatro mares e os rios inumeráveis tornaram-se seguros e felizes caminhos.

"Os lavradores puderam afinal vender as espadas e comprar bois para o avado de seus campos. Fizeram sacrifícios, ofereceram orações nos cumes das montanhas e se regozijaram durante o dia cantando atrás de biombos."

O ASSASSINO DESINTERESSADO BILL HARRIGAN

A imagem das terras do Arizona, antes de qualquer outra imagem: a imagem das terras do Arizona e do Novo México, terras com um ilustre fundamento de ouro e prata, terras vertiginosas e aéreas, terras da meseta monumental e das delicadas côres, terras com o reflexo branco de esqueleto descarnado pelos pássaros. Nessas terras, outra imagem, a de Billy the Kid: o cavaleiro fixo sobre a montaria, o jovem dos duros tiroteios que aturdem o deserto, o emissor de balas invisíveis que matam à distância, como um feitiço.

O deserto encordoado de metais, árido e reluzente. O quase menino que, ao morrer aos vinte e um anos, devia à Justiça vinte e uma mortes – "sem contar mexicanos"

O ESTADO LARVAL

Por volta de 1859 o homem que, para o terror e a glória, seria Billy the Kid, nasceu num cortiço subterrâneo de Nova York. Dizem que o pariu um fatigado ventre irlandês, mas que se criou entre negros. Nesse caos de fartum e gaforinhas, gozou do primado que concedem as sardas e uma melena avermelhada. Praticava o orgulho de ser branco; também era mirrado, bravo, soez. Aos doze anos militou na quadrilha dos *Swamp Angels* (Anjos do Charco), divindades que operavam nas cloacas. Em noites cheirando a névoa queimada emergiam daquele fétido labirinto, seguiam o rumo de algum marinheiro alemão, desmoronavam-no com uma bordoadá, despojavam-no até da roupa interior e se restituíam em seguida à outra imundície. Comandava-os um negro encanecido, Gas Houser Jonas, também famoso como envenenador de cavalos.

Às vezes, da janela da água-furtada de alguma casa corcunda perto da água, uma mulher virava sobre a cabeça de um transeunte um balde de cinza. O homem se agitava e se afogava. Em seguida, os Anjos do Charco pululavam sobre ele, o arrebataavam pela boca de um porão e o saqueavam.

Tais foram os anos de aprendizagem de Billy Harrigan, o futuro Billy the Kid. Não desdenhava as ficções teatrais: gostava de assistir (talvez sem nenhum pressentimento de que eram símbolos e letras do seu destino) aos melodramas de *cowboys*.



Brigham Young (1801-77), chefe da seita Mórmon que, a partir de 1830, colonizou a região de Utah criando comunidades que praticavam a poligamia. [N.T.]

"GO WEST!"

Se os populosos teatros de Bowery (cujos freqüentadores vociferavam "Levântem o trapo!" à menor falta de pontualidade da cortina) abundavam nesses melodramas de cavaleiros e balaços, a facilíma razão é que a América então sotria a atração do Oeste. Além do poente estava o ouro de Nevada e da Califórnia. Além dos poentes estava o machado demolidor de cedros, a enorme cara babilônica do bisão, o chapéu acampanado e o numeroso leiteo do Brigham Young, as cerimônias e a ira do homem vermelho, o ar despejado dos desertos, a insolente pradaria, a terra fundamental, cuja proximidade acelera o bater do coração como a proximidade do mar. O Oeste chamava. Um contínuo rumor compassado povoou esses anos: o de milhares de homens americanos ocupando o Oeste. Nessa progressão, por volta de 1872, estava o sempre perverso Bill Harrigan tujindo de uma cela retangular.

DEMOLIÇÃO DE UM MEXICANO

A História (que, à maneira de certo diretor cinematográfico, procede por imagens descontínuas) propõe agora a de uma arriscada taverna, isolada no todo-poderoso deserto como em alto mar. O tempo, uma desordenada noite do ano de 1873; o preciso lugar, a planície Parada (Nôvo México). A terra é quase sobrenaturalmente lisa, porém o céu de nuvens em desnível, com intervalos de tormenta e lua, está cheio de poços que se fissuram e de montanhas. Na terra há o crânio de uma vaca, ladridos e olhos de coioete na sombra, finos cavalos e a luz prolongada da taverna. Dentro, acotovelados no mesmo balcão, homens cansados e fornidos bebem um álcool pendencioso e fazem ostentação de grandes moedas de prata com uma serpente e uma águia. Um bêbedo canta impassivelmente. Há quem fale um idioma com muitos esses, que tem de ser espanhol, pois os que o falam são desprezados. Bill Harrigan, rato avermelhado de cortiço, está entrê os que bebem. Concluiu duas doses e pensa pedir outra mais, talvez porque não lhe reste um centavo. Aniquilam-no, os homens daquele deserto. Vê-os tremendos, tempestuosos, felizes, odiosamente sábios no manejo do gado amontado e de altos cavalos. De repente faz-se um silêncio total, apenas ignorado pela desatinada voz do bêbedo. Entrou um mexicano mais do que fornido, com cara de índia velha. Transborda num excessivo *sombreiro* e em duas pistolas laterais. Em duro inglês deseja as boas-noites a todos os gringos filhos de cadela que estão bebendo. Ninguém recolhe o desafio. Bill pergunta quem é, e lhe sussurram temerosamente que é *el Dago — el Diego* —, Belisário Villagrán, de Chihuahua. Uma detonação reboia em seguida. Protegido por aquele muro de homens altos, Bill disparou sobre o intruso. O copo cai da mão de Villagrán, depois todo o homem. Não precisa de outra bala. Sem dignar-se olhar para o luxuoso morto, Bill retoma a conversa: "Deveras? (*) — diz. — Pois eu sou Bill Harrigan, de New York." O bêbedo continua cantando, insignificante.

Já se adivinha a apoteose. Bill concede apertos de mão e aceita adulações, hurras e uísques. Alguém observa que não há marcas no seu revólver e lhe propõe gravar uma para significar a morte de Villagrán. Billy the Kid fica com a navalha dêsse alguém, mas diz "que não vale a pena anotar mexicanos". Só isto, contudo, não basta. Bill, essa noite, estende sua manta junto ao cadáver e dorme até a aurora — ostentadamente.

MORTES PORQUE SIM

Dessa feliz detonação (aos quatorze anos de idade) nasceu Billy the Kid, o Herói, e morreu o furtivo Bill

(*) — "Is that so? he drawled."

Harrigan. O menino de cloaca e das pedradas ascendeu a homem da fronteira. Fêz-se cavaleiro, aprendeu a montar ereto no cavalo à maneira de Wyoming ou do Texas, não com o corpo jogado para trás, ao modo do Oregon e da Califórnia. Não chegou nunca a se parecer, de todo, com a sua lenda, porém dela se aproximou bastante. Algo do cafajuste de Nova York perdeu no *cowboy*; dedicou aos mexicanos o ódio que antes lhe inspiravam os negros, porém as últimas palavras que disse foram em espanhol (palavrões). Aprendeu a arte vagabunda dos tropeiros. Aprendeu a outra, mais difícil, de comandar homens; ambas ajudaram-no a ser um ladrão eficaz de gado. Às vezes as guitarras e os bordéis do México empolgavam-no. Com a lucidez atroz da insônia, organizava populares orgias que duravam quatro dias e quatro noites. Afinal, com asco, pagava a conta com balaços. Enquanto o dedo no gatilho não lhe falhou, foi o homem mais temido (e quiçá ninguém mais sozinho) dessa fronteira. Garrett, seu amigo, o xerife que o matou, disse-lhe uma vez: "Eu exercitei muito a pontaria matando búfalos." "Eu ainda mais, matando homens", replicou suavemente. Os pormenores não se podem recuperar, porém sabemos que deveu até vinte e uma mortes — "sem contar mexicanos". Durante sete arriscadíssimos anos praticou esse luxo: a coragem.

Na noite de vinte e cinco de julho de 1880 Billy the Kid atravessou no galope do seu malhado a rua principal ou única, de Fort Sumner. O calor apertava e não haviam acendido os lampiões; o comissário Garrett, sentado em certa cadeira de balanço de um corredor, empunhou o revólver e disparou-lhe um balaço no ventre. O cavalo seguiu; o cavaleiro desaprumou-se na rua de terra. Garrett encaixou-lhe um segundo balaço. O lugarejo (sabendo que o ferido era Billy the Kid) fechou bem as janelas. A agonia foi longa e blasfematória. Já com o sol bem alto, acercaram-se dele e o desarmaram; o homem estava morto. Notaram-lhe o ar de objeto fora de uso que têm os defuntos.

Barbearam-no, embainharam-no em roupa feita e exibiram-no ao espanto e aos remoques na vitrina do melhor armazém.

Homens a cavalo ou em tilburi acudiram de léguas ao redor. No terceiro dia tiveram de o maquilar. No quarto enterraram-no com júbilo.

O INCIVIL MESTRE-DE-CERIMÔNIAS KOTSUKÊ NO SUKÊ

O infame dêste capítulo é o incivil mestre-de-cerimônias Kotsukê no Sukê, aziago funcionário que motivou a degradação e morte do senhor da Torre de Ako e não se quis eliminar como um cavaleiro quando a apropriada vingança o cominou. É homem que merece a gratidão de todos os homens, porque despertou preciosas lealdades e foi a negra e necessária ocasião de uma empresa imortal. Uma centena de romances, de monografias, de teses doutorais e de óperas comemoram o feito — para não falar nas efusões em porcelana, lápis-lazúli venulado, e em laca. Até o versátil celulóide serve-o, desde que a "História Doutrinal dos Quarenta e Sete Capitães" — tal é o seu nome — é a mais repetida inspiração do cinema japonês. A minuciosa glória que essas ardentes atenções afirmam é algo mais que justificável: é imediatamente justa para quem quer que seja.

Sigo a relação de A. B. Mitford, que omite as contínuas distrações que opera a côr local e prefere atender ao movimento do glorioso episódio. Esta boa ausência de "orientalismo" dá margem a se suspeitar de que se trata de uma versão direta do japonês.

O CORDÃO DESATADO

Na desvanecida primavera de 1702, o ilustre senhor da Torre de Ako teve de receber e hospedar um enviado imperial. Dois mil e trezentos anos de cortesia (alguns mitológicos) haviam complicado angustiosamente o cerimonial da recepção. O enviado representava o imperador, mas em modo de alusão ou de símbolo: matiz que não era menos impropriedade sublinhar do que atenuar. Para impedir os equívocos muito facilmente fatais, um funcionário da corte de Iedo precedia-o, na qualidade de mestre-de-cerimônias. Longe da comodidade cortesã e condenado a uma *villégiature* montanhesa que lhe deve ter parecido um desterro, Kira Kotsuké no Suké concedia sem prazer as instruções. As vezes dilatava até à insolência o tom magistral. Seu discípulo, o senhor da Torre procurava dissimular esse escárnio. Não sabia replicar, a disciplina vedava-lhe toda a violência. Uma manhã, contudo, o cordão do sapato do mestre desatou-se e este lhe pediu que o reatasse. O cavaleiro fê-lo com humildade, porém com indignação interior. O incivil mestre-de-cerimônias disse-lhe que em verdade era incorrigível, e que somente um camponio seria capaz de amarrar um nó tão torpe. O senhor da Torre puxou da espada e deu-lhe um golpe. O outro fugiu, apenas rubricada a fronte por um fio tênue de sangue... Dias depois proferia sentença o tribunal militar contra o agressor e o condenava ao suicídio. No pátio central da Torre de Ako elevaram um estrado de feltro vermelho e nele se mostrou o condenado e lhe entregaram um punhal de ouro e pedras e confessou públicamente a sua culpa e se foi despindo até a cintura, e abriu o ventre com as duas feridas rituais, e morreu como um samurai e os espectadores mais afastados não viram sangue porque o feltro era vermelho. Um homem encanecido e cuidadoso decapitou-o com a espada: o conselheiro Kuranosuké, seu padrinho.

O SIMULADOR DA INFÂMIA

A Torre de Takumi no Kami foi confiscada; seus capitães, debandados; sua família, arruinada e obscurecida; seu nome, vinculado à execração. Um rumor quer que na idêntica noite em que êle se matou, quarenta e sete dos seus capitães deliberaram no cume de um monte e planejarão, com toda precisão, o que se produziu um ano mais tarde. O certo é que devem ter procedido entre justificadas demoras e que algum de seus concílios teve lugar, não no cume difícil de uma montanha, mas numa capela em um bosque, mediocre pavilhão de madeira branca, sem outro adorno que a caixa retangular que contém um espelho. Apeteciam a vingança, e a vingança lhes deve ter parecido inalcançável.

Kira Kotsuké no Suké, o odiado mestre-de-cerimônias, havia fortificado a sua casa, e uma nuvem de arqueiros e esgrimistas custodiava o seu palanquim. Contava com espias incorruptíveis, pontuais e secretos. Mais do que ninguém zelavam e vigiavam o presumido capitão dos vingadores: Kuranosuké, o conselheiro. Este percebeu-o por acaso e fundou o seu projeto vindicativo sobre esse fato.

Mudou-se para Kioto, cidade insuperada em todo o Império pela cor dos seus outonos. Deixou-se arrebatar pelos lupanares, pelas casas de jôgo e pelas tavernas. Apesar das suas câs, conviveu com rameiras e com poetas, e gente ainda pior. Uma vez expulsaram-no da taverna e amanheceu adormecido no umbral, a cabeça tombada sobre um vômito.

Um homem de Satsuma o reconheceu e disse, com tristeza e com ira: *Não é este, porventura, aquele conselheiro de Asano Takumi no Kami, que o ajudou a morrer, e em vez de vingar seu senhor se entrega aos deleites e à vergonha? Oh, tu, indigno do nome de samurai!*

Pisou-lhe o rosto adormecido e cuspiu sobre êle. Quan-



do os espíões denunciaram essa passividade, Kotsuké no Suké sentiu grande alívio.

Os fatos não pararam aí. O conselheiro despediu a mulher e o menor dos seus filhos, e comprou uma amiga num lupanar, famosa infâmia que alegrou o coração e relaxou a temerosa prudência do inimigo. Este acabou por desimpedir a metade dos seus guardas.

Numa das noites atroz de inverno de 1703, os quarenta e sete capitães reuniram-se em um desmantelado jardim dos arredores de Iedo, perto da ponte e da fábrica de baralhos. Iam com as bandeiras do seu senhor. Antes de empreender o assalto advertiram os vizinhos que não se tratava de um atropelo porém de uma operação militar de estrita justiça.

A CICATRIZ

Os dois bandos atacaram o palácio de Kira Kotsuké no Suké. O conselheiro comandou o primeiro, que atacou a porta da frente; o segundo, seu filho mais velho, que ia completar dezesseis anos nessa noite. A história sabe os diversos momentos desse pesadelo tão lúcido: a descida, arriscada e pendular pelas escadas de corda, o tambor do ataque, a precipitação dos defensores, os arqueiros postados na açotéia, o direto destino das flechas aos órgãos vitais do homem, as porcelanas infamadas de sangue, a morte ardente, que depois é glacial; os impudores e desordens da morte. Nove capitães morreram; os defensores não eram menos valentes e não se quiseram render. Pouco depois de meia-noite toda a resistência cessou.

Kira Kotsuké no Suké, razão ignominiosa dessas lealdades, não aparecia. Buscaram-no por todos os cantos desse comovido palácio, e já desesperavam de o encontrar quando o conselheiro notou que os lençóis do seu leito estavam ainda mornos. Voltaram a procurar e descobriram uma estreita janela dissimulada por um espelho de bronze. Em baixo, de um pequeno pátio sombrio, olhava-os um homem de branco. Uma trêmula espada estava na sua mão direita. Quando desceram, o homem entregou-se sem luta. Raia-valhe à frente uma cicatriz: velho desenho do ferro de Takumi no Kami.

Então os sangrentos capitães arrojavam-se aos pés do odioso e lhe disseram que eram os oficiais do senhor da Torre, de cuja perdição e o fim era culpado, e lhe rogaram que se suicidasse, como o deve fazer um samurai.

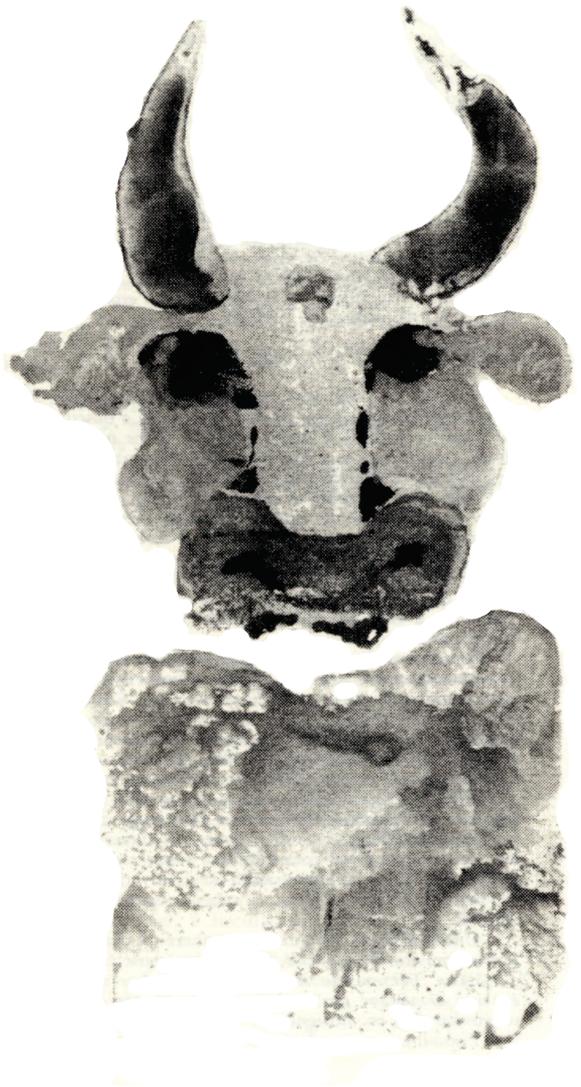
Em vão propuseram esse decóro a seu ânimo servil. Era um varão inacessível à honra; pela madrugada tiveram de o degolar.

O TESTEMUNHO

Já satisfeita a sua vingança (mas sem ira, e sem agitação, e sem lástima), os capitães se dirigiram ao templo que guarda as relíquias do seu senhor.

Em uma caldeira levam a incrível cabeça de Kira Kotsuké no Suké e se revezam para cuidar dela. Atravessam os campos e as províncias, à luz sincera do dia. Os homens bendizem-nos e choram. O príncipe de Sendai quer hospeda-los, mas respondem que há quase dois anos que os aguarda o seu senhor. Chegam ao escuro sepulcro e oferecem a cabeça do inimigo.

A Suprema Côte emite a sentença. É o que esperam: se lhes outorga o privilégio do suicídio. Todos o cumprem, alguns com ardente serenidade, e repousam ao lado do seu senhor. Homens e meninos vêm rezar no sepulcro desses homens tão fiéis.



O HOMEM DE SATSUMA

Entre os peregrinos que acodem, há um rapaz empoeirado e exausto que deve ter vindo de longe. Prosterne-se diante do monumento de Oishi Kuranosuké, o conselheiro, e diz em voz alta: *Eu te vi jogado à porta de um lupanar de Kioto e não pensei que estavas meditando a vingança de teu senhor, e te julguei um soldado sem fé e te cuspi no rosto. Vim te dar satisfações.* Disse isto e cometeu haraquiri.

O prior conduziu-se da sua valentia e lhe deu sepultura no lugar em que os capitães repousam.

Este é o final da história dos quarenta e sete homens leais — salvo que não tem fim, porque os outros homens que não somos leais talvez, mas nunca perderemos de toda a esperança de sê-lo, continuaremos a honrá-los com palavras.

O TINTUREIRO MASCARADO HAKIM, DE MERV

Se não me engano, as fontes originais de informação acerca de Al Moqanna, o Profeta Velado (ou mais estritamente, Mascarado) do Joraçã reduzem-se a quatro: a) os excertos da "História dos Califas", conservados por Baladhuri; b) o "Manual do Gigante ou Livro da Precisão e da Revisão", do historiador dos abássidas, Ibn abi Tair Tafur; c) o códice árabe intitulado "A Aniquilação da Rosa", onde se refutam as heresias abomináveis da "Rosa Obscura" ou "Rosa Escondida", que era o livro canônico do Profeta; d) as moedas sem efígie desenterradas pelo engenheiro Andrusov num desmante da Estrada de Ferro Caspiana. Essas moedas foram depositadas no Gabinete Numismático de Teerã e contêm dísticos persas que resumem ou corrigem certas passagens da "Aniquilação". A "Rosa" original perdeu-se (foi perdida), desde que o manuscrito encontrado em 1889 e publicado não sem levianidade pelo "Morgenländische Archiv" foi declarado apócrifo por Horn e em seguida por Sir Percy Sykes.

A fama ocidental do Profeta deve-se a um loquaz poema de Moore, sobrecarregado de saudades e suspiros de conspirador irlandês.

A PÚRPURA ESCARLATE

Aos 120 anos da Hégira e 736 da Cruz, o homem Hákim, que os homens daquele tempo e daquele espaço apelidariam logo de o Velado, nasceu no Turquestão. Sua pátria foi a antiga cidade de Merv, cujos jardins e vinhedos e prados olham tristemente o deserto. O meio-dia é branco e deslumbrante, quando não o obscurecem nuvens de pó que alogam os homens e deixam uma lâmina esbranquiçada nas cépas escuras.

Hákim criou-se nessa fatigada cidade. Sabemos que um irmão de seu pai adestrou-o no ofício de tintureiro: arte de ímpios, de falsários e de inconstantes, que inspirou os primeiros anátemas da sua carreira pródiga. "*Meu rosto é de ouro (declara em uma página famosa da "Aniquilação") porém macerei a púrpura e submergi na segunda noite a lâ sem cardar e saturei na terceira a lâ preparada, e os imperadores das ilhas ainda se disputam essa roupa sangrenta. Assim pequei nos anos da juventude e trans tornei as verdadeiras côres das cravuras. O Anjo dizia-me que os carneiros não eram da cor dos tigres, o Satã dizia-me que o Poderoso queria que o fóssem e se valia da minha astúcia e da minha púrpura. Agora sei que a Anjo e Satã erravam a verdade e que toda cor é abominável.*"

No ano 146 da Hégira, Hákim desapareceu da sua pátria. Encontraram destruídas as caldeiras e cubas de imersão, assim como um alfanje de Xiraz e um espelho de bronze.

O TOURO

Ao final da lua de esabã no ano 158, o ar do deserto estava muito claro e os homens olhavam o poente em busca da lua de ramadã, que promove a mortificação e o jejum. Eram escravos, esmoleiros, vendilhões, ladrões de camelo e carneiros. Gravemente sentados na terra aguardavam o sinal do portão do pouso das caravanas no caminho de Merv. Olhavam o ocaso, e a cor do ocaso era a da areia.

Do fundo de deserto vertiginoso (cujo sol produz a febre assim como a lua produz o pismo) viram adiantar-se três figuras, que lhes pareciam altíssimas. Eram humanas as três mas a do meio tinha cabeça de touro. Quando chegaram mais perto, viram que este usava máscara e os outros dois eram cegos.

Alguém (como nos contos das Mil e Uma Noites) indagou a razão dessa maravilha. *Estão cegos — declarou o homem da máscara — porque viram meu rosto.*

O LEOPARDO

O cronista dos abássidas refere que o homem do deserto (cuja voz era singularmente doce, ou assim lhes pareceu por diferir da brutalidade da sua máscara) disse-lhes que estavam aguardando o signo de um mês de penitência, mas que ele pregava um signo superior: o de toda uma vida penitencial e uma morte injuriada. Disse-lhes que era Hákim, filho de Osmã, e que no ano 146 da Hégira havia penetrado um homem na sua casa e logo que se purificara, feitas as orações, havia cortado a cabeça, a ele, com um alfanje, e a levara até o céu. Sobre a mão direita do homem (que era o Anjo Gabriel) sua cabeça tinha estado ante o Senhor, que lhe deu a missão de profetizar, e lhe inculcou palavras tão antigas que a sua repetição queimava as bocas, e lhe infundiu um glorioso esplendor, que os olhos mortais não toleravam. Tal era a justificativa da Máscara. Quando todos os homens da terra professassem a nova lei, o Rosto lhes seria descoberto, e eles poderiam adorá-lo sem risco — como os anjos já o adoravam. Proclamada sua comissão, Hákim exortou-lhes a uma guerra santa — um *djehad* — e ao seu conveniente martírio.

Os escravos, vagabundos, pequenos negociantes, ladrões de cavalo e açougueiros negaram-lhe a sua fé: uma voz gritou *bruxo* e outra, *impostor*.

Alguém havia trazido um leopardo — talvez um exemplar dessa raça esbelta e sangrenta que os moneiros persas amestram. O certo é que rompeu a sua prisão. Salvo o profeta mascarado e os dois acólitos, a gente atropelou-se para fugir. Quando voltaram, a fera havia cegado. Ante os olhos luminosos e mortos, os homens adoravam a Hákim e confessavam a sua virtude sobrenatural.

O PROFETA VELADO

O historiador oficial dos abássidas narra sem maior entusiasmo os progressos de Hákim, o Velado, no Joraçã. Essa província — muito comovida pela desventura e crucifixão do seu mais famoso caudilho — abraçou com desesperado fervor a doutrina do Rosto Resplandescente, e

lhe tributava o seu sangue e o seu ouro. (Hákim, já então, protegia a sua efígie brutal com um quádruplo véu de seda branca, recamado de pedras. A côr emblemática dos Banu Abbás era o negro; Hákim escolheu a côr branca — a mais contraditória — para o Véu Resguardador, os pendões e os turbantes.) A campanha iniciou-se bem. É verdade que no "Livro da Precisão" as bandeiras do califa são em todo lugar vitoriosas, mas como o resultado mais freqüente dessas vitórias é a destituição de generais e o abandono de castelos inexpugnáveis, o avisado leitor sabe a que ater-se. Ao final da lua de rejebo do ano 161, a famosa cidade de Nixapur abriu as suas portas de metal ao Mas-carado; em princípios de 162, a de Astarabad. A atuação militar de Hákim (como a de outro mais venturoso Profeta) reduzia-se à prece em voz de tenor, mas elevada à divindade do alto dorso de um camelo avermelhado, no coração agitado das batalhas. Ao seu redor silvavam as flechas, sem que jamais o ferissem. Parecia procurar o perigo: na noite que uns detestados leprosos rondaram o seu palácio, ordenou-lhes comparecer à sua presença, beijou-lhes e lhes ofereceu prata e ouro.

Delegava as fadigas do Governo a seis ou sete adeptos. Era estudioso da meditação e da paz: um harém de 114 mulheres cegas tratava de aplacar as necessidades do seu corpo divino.

OS ESPELHOS ABOMINÁVEIS

Sempre que as suas palavras não invalidem a fé ortodoxa, o Islã tolera a aparição de amigos confidenciais de Deus, por indiscretos ou ameaçadores que sejam. O Profeta, talvez, não houvesse desprezado os favores desse desdém, mas os seus partidários, as suas vitórias e a cólera pública do califa — que era Mohamed Al Mahdi — obrigaram-no à heresia. Essa dissensão o arruinou, mas antes fê-lo definir os artigos de uma religião pessoal, se bem que com evidentes infiltrações das pré-histórias gnósticas.

No princípio da cosmogonia de Hákim há um Deus espectral. Essa divindade carece majestosamente de origem, assim como de nome e rosto. É um Deus imutável, mas sua imagem projetou nove sombras que, condescendendo à ação, dataram e presidiram um primeiro céu. Dessa primeira coroa demiúrgica procedeu uma segunda, também com anjos, potestades e tronos, e estes fundaram outro céu mais baixo, que era a réplica exata do inicial. Esse segundo conclave viu-se reproduzido em um terciário, e esse em outro inferior, e assim até 999. O senhor do céu do fundo é o que nos rege — sombra de sombras de outras sombras — e a sua fração de divindade tende a zero.

A terra em que habitamos é um erro, uma incompetente paródia. Os espelhos e a paternidade são abomináveis, porque a multiplicam e afirmam. O asco é a virtude fundamental. Duas disciplinas (cuja escolha deixava livre o Profeta) podem conduzir-nos a ela: a abstinência e o desenfreamento, o exercício da carne ou a sua castidade.

O paraíso e o inferno de Hákim não eram menos deses-perados. "Aos que negam a Palavra, aos que negam o Véu incrustado e o Rosto (diz uma impreciação que se conserva da "Rosa Escondida") prometo um Inferno maravilhoso, porque cada um deles reinará sobre 999 impérios de fogo, e em cada império 999 montes de fogo, e em cada monte 999 torres de fogo, e em cada torre 999 sorlhos de fogo, e em cada andar 999 camas de fogo, e em cada cama estará êle e 999 formas de fogo (que terão a sua cara e a sua voz) o torturarão para sempre." Em outro lugar corrobora: "Aqui na vida padeceis em um corpo; na morte e na Retribuição, em inumeráveis." O paraíso é menos concreto. "Sempre é noite e há pilares de pedra, e a felicidade desse paraíso é a felicidade peculiar das despedidas, da renúncia e dos que sabem que dormem."

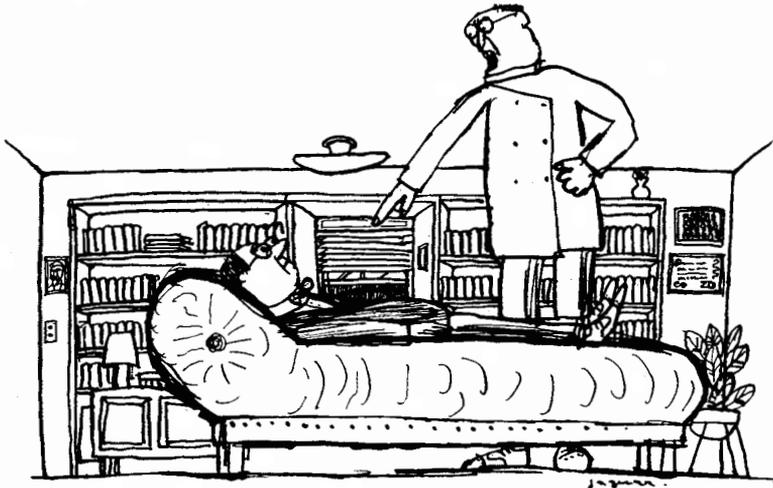
O ROSTO

No ano 163 da Hégira e quinto do Rosto Resplandescente, Hákim foi cercado em Sanã pelo exército do califa. Provisões e mártires não faltavam, e se aguardava o iminente socorro de uma caterva de anjos da luz. Nisso estavam quando um espantoso rumor atravessou o castelo. Referia-se que uma mulher adúltera do harém, ao ser estrangulada pelos eunucos, havia gritado que à mão direita do Profeta faltava o dedo anular e que careciam de unhas os outros. O rumor espalhou-se entre os fiéis. Em pleno sol, de um elevado terraço, Hákim pedia uma vitória ou um sinal à divindade familiar. Com a cabeça baixa, servil — como se corresse contra a chuva —, dois capitães lhe arrancaram o Véu recamado de pedras.

Primeiro houve um calafrio. A prometida cara do Apóstolo, a cara que havia estado nos céus, era com efeito branca, mas da brancura peculiar à lepra manchada. Não tinha sobrancelhas; a pálpebra inferior do olho direito pendia sobre a bochecha senil; uma pesada cêpa de tubérculos comia-lhe os lábios; o nariz inumano e achatado como de um leão.

A voz de Hákim ensaiou um engano final. *Vosso pecado abominável vos proíbe de perceber meu esplendor...* começou a dizer.

Não o escutaram, e atravessaram-no com as lanças. Δ



- TARADO !!!

Infames esquecidos

(atribuído a) Fausto Cunha

Publicou a revista *Senhor*, no seu número de setembro último, a *Historia Universal de la Infamia*, de Jorge Luis Borges, traduzida por Alexandre Eulalio. Motivos de espaço alheios ao tradutor obrigaram a supressão de duas narrativas que constituem a versão integral do texto borgiano, que data de 1934. São elas, respectivamente, a segunda, “O impostor inverossímil Tom Castro”, e a quarta, “O provedor de iniquidades Monk Eastman”, “infames” não menos ilustres do que os seus colegas cuja crônica se estampou na revista, acompanhada das excelentes ilustrações de Glauco Rodrigues. Embora a medida seja compreensível, só podemos lamentar que o público não ficasse conhecendo também a história do gângster nova-iorquino Eastman, que gostava de passear com uma pomba azulada no ombro, assim como a do falso lorde Tichborne, tratadas como o são pela ironia personalíssima de Borges. Esse último caso, aliás, empolgou o mundo civilizado durante os anos 70 do século passado, ao se instaurar em Londres o processo movido pelos herdeiros da velha Lady Tichborne. Pretendiam estes ser um impostor o filho da titular inglesa que reaparecera vinte anos depois de um naufrágio e fora incontinenti reconhecido por aquela mãe inconformada, que se negava a aceitar a morte do rebento. Absolutamente diferente deste no físico, nas maneiras, na educação, no temperamento, o pretenso lordê Tichborne aproveitara-se daquilo que o autor chama, com humor negro, as “virtudes da disparidade”. Ecos desse processo sensacional, – variante cínica do caso de Anastácia da Rússia e que concluiu com a confissão do pseudo-Tichborne – ficaram registrados na imprensa brasileira da época. Entre muitas outras folhas, *O País*, de São Luís do Maranhão, jornal de Temístocles Aranha (pai do romancista de *Canaã*), trouxe durante o ano da graça de 1876 seguidas e detalhadas notícias sobre o processo Roger Tichborne.

Seria de bom alvitre que um dos nossos editores inteligentes tomasse a iniciativa de reunir em volume esse texto de Jorge Luis

Borges, editando, na íntegra, a *História da Infâmia* (que se compõe, na edição original, das prosas de “Etcétera” e do célebre conto “Hombre de la esquina rosada”), aproveitando a visita de Borges ao Brasil, transferida, por motivo da crise política de setembro último, para fevereiro de 62.

*J.L.B. visto por Rogelio Naranjo.
El Aleph Borgiano.
Biblioteca Luis-Angel Arango.
Bogotá, Colômbia, julho de 1987.*

